

POSSIBILIDADES MULTIDISCIPLINARES: TORNANDO POSSÍVEL A APROXIMAÇÃO ENTRE EDUCAÇÃO FÍSICA E A SOCIOLOGIA

MULTIDISCIPLINARY POSSIBILITIES: TRYING A POSSIBLE APPROACH BETWEEN PHYSICAL EDUCATION AND SOCIOLOGY

Cristiano Mezzaroba¹

RESUMO

Neste ensaio teórico, apresentamos algumas reflexões e possibilidades de junção, na perspectiva do tratamento pedagógico tanto da Educação Física (EF) como da Sociologia – numa abordagem multidisciplinar –, analisando diversos materiais publicados em alguns veículos midiáticos, como jornais, revistas impressas, portais da internet e *sites* diversos, a partir da perspectiva da mídia-educação (ME). Com exemplos em torno do esporte, da saúde, do corpo e da estética, os materiais apresentados e as discussões aqui presentes são pautados pelo viés sociológico (funcionalização, sociabilização, ideologização, mercadorização e espetacularização), na tentativa de analisar algumas problemáticas que, em um primeiro momento, parecem se colocar como algo exclusivamente da EF, mas que podem ser articuladas com os saberes da Sociologia. Procura-se mostrar, com o recurso metodológico, produtivo e investigativo proposto pela ME, que é sim possível uma abordagem multidisciplinar e que, além disso, as intervenções pedagógicas podem ser mais bem contextualizadas e ampliadas, no intuito de contribuir de maneira positiva e crítica na formação das subjetividades das crianças e dos jovens, levando-os a compreenderem e serem esclarecidos sobre fatos corriqueiros que nem sempre são tratados pela mídia com a profundidade com que deveriam, resgatando a função social da escola e de seus componentes curriculares, neste caso, a EF e a Sociologia.

Palavras-chave: Mídia-educação. Abordagem multidisciplinar. Educação Física. Sociologia.

ABSTRACT

In this theoretical essay, we present some thoughts and possibilities of joining, in the education perspective of Physical Education (PE) and Sociology – in a multidisciplinary approach – with the intent of analyzing several materials published in some media outlets like newspapers, print magazines and internet. We used the perspective of media education (ME). With some examples about sport, health, body and aesthetics, the materials presented and the discussions established here are guided by the sociological perspective (functionalization, socialization, ideological, commodification and spectacle), with the goal of examining some issues that initially seem to pose as something exclusively by the PE, but that can be combined with the knowledge of sociology. We try to show that, with the methodological approach, proposed by the productive and investigative field of ME, it is indeed possible to lead with a multidisciplinary approach. In addition, the pedagogical interventions can be better contextualized and expanded in order to contribute positively and critically to the formation of subjectivities of children and young people, and making them to understand and

¹ Licenciado e Mestre em Educação Física/UFSC. Licenciado em Ciências Sociais/UFSC. Pesquisador integrante do LaboMídia/UFSC e Coordenador do LaboMídia/UFS. Professor do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. Endereço: Cidade Universitária Prof. José Aloísio de Campos, Av. Marechal Rondon, s/n – Jardim Rosa Elze – CEP 49100-000 – São Cristóvão/SE.

be informed about trivial facts that are not always treated by the media as it should be, and also, in this case, rescuing the social function of the school and its curriculum components, peculiarly, PE and Sociology.

Keywords: Media education. Multidisciplinary approach. Physical Education. Sociology.

INTRODUÇÃO

Quando pensamos na formação humana contemporânea, cada vez mais ouvimos falar – uns, inclusive, defender – que é necessário que tal formação se dê de maneira ampla, integradora, contextualizadora em meio à complexidade que é a vida moderna e também que abarque a multiplicidade de saberes existentes, oriundos da produção histórica e cultural dos homens ao longo dos anos. Tais discursos, cada um à sua maneira, vão se concretizando desde o interior familiar, até a formação escolar e universitária e, claro, no ambiente profissional.

No primeiro caso, a família, essa formação se dá pela educação, disciplinarização e também nos “ensinamentos” que vão adequando as crianças aos modos de ser daquele grupo familiar. Começam com a incorporação de hábitos de higiene, de alimentação, de sono, de convívio, de atribuição de tarefas domésticas e assim por diante.

Na escola, essa necessidade de “aprender” a complexidade da vida ocorre via compartimentalização dos saberes, começando com a ênfase na língua oficial de determinado país e com os saberes matemáticos, em direção aos saberes da Ciência, da História, da Geografia, das Artes, da Educação Física (EF), da Sociologia e da Filosofia.

Continuando, na universidade, tais saberes são mais fragmentados ainda, já que atualmente a ênfase ocorre nas especificidades de cada área com suas subáreas. O lema é ser um especialista, que “domina” o conhecimento daquelas minúsculas partes, em vez de querer conhecer um pouco daquilo que se configura como o “todo” (o dilema entre a formação generalista *versus* formação especialista). Realmente, parece que na contemporaneidade o sujeito que se atrever quer conhecer tudo que está disponível já estará fadado ao fracasso, tornando-se algo utópico, no seu sentido pejorativo, visto que os conhecimentos produzidos em escala global são inúmeros e diários, ficando difícil qualquer tentativa de contato e atualização com todos eles em todas as áreas.

No ambiente profissional, para terminarmos essa demarcação inicial, acabamos reproduzindo os aprendizados da formação universitária, essencialmente voltada ao mercado de trabalho, que, na sua lógica, faz cada um de nós cumprir apenas com suas funções na “linha de produção”: ao médico cabem apenas os saberes médico-sanitários; ao jornalista, os saberes linguísticos; ao professores, os saberes didático-pedagógicos; ao engenheiro, os saberes lógicos-matemáticos; ao advogado, os saberes jurídicos e por aí vai.

Por que esses exemplos iniciais que aparentam fugir da temática apresentada no título deste ensaio? Porque aqui não seremos ingênuos e idealistas a ponto de defender uma formação que, considerada nossa atual estrutura curricular/escolar/universitária, tentaria dar

conta do “todo” imaginando um ser humano formado perante as demandas do mundo social e suas complexidades. Entretanto, entendemos que todo educador tem sua função social de imaginar as possibilidades de se alargar o tipo/modelo de formação humana que se deseja.

Assim, neste texto, a proposta é pensar, a partir das experiências nos campos da EF e da Sociologia, em tentativas de aproximação de duas áreas do conhecimento que, dentro da hierarquia dos saberes escolares, são geralmente menosprezadas, pouco consideradas em sua importância não só pelos alunos, mas pelo corpo docente escolar – poderíamos afirmar que isso reflete, em síntese, a própria visão da sociedade para essas duas áreas?

Mas de que áreas estamos falando? Trata-se da “Educação Física” e da “Sociologia”, áreas que, em conjunto com os demais saberes, têm, na escola, o compromisso com uma educação crítica e reflexiva, as quais têm como objetivo “formar indivíduos dotados de capacidade crítica em condições de agir autonomamente na esfera da cultura corporal de movimento e de forma transformadora como cidadãos políticos” (BRACHT, GONZÁLES, 2005, p.155)

Segundo Betti (2003, p. 96-7), a *cultura corporal de movimento* pode ser definida como:

A parcela da cultura geral que abrange as formas culturais que se vêm historicamente construindo, nos planos material e simbólico, mediante o exercício (em geral sistemático e intencionado) da motricidade humana – jogo, esporte, ginásticas e práticas de aptidão física, atividades rítmicas/expressivas e dança, lutas/artes marciais, práticas alternativas.

Assim, pensamos ser possível uma aproximação entre essas duas áreas do conhecimento, naquilo que se convencionou chamar, academicamente, de abordagem multidisciplinar.

Segundo Morin (2002, *apud* Martinazzo; Cherobini, 2005), o termo *multidisciplinaridade* começou a ser utilizado em meados do século XX, a partir da revolução biológica, e com o grande desenvolvimento científico. Conforme tais autores, a multidisciplinaridade “Pressupõe, em sua origem, que o conhecimento pode ser construído considerando-se o objeto como algo isolado de um todo e que pode ser dividido e analisado em partes (disciplinas)” (MARTINAZZO; CHEROBINI, 2005, p. 298).

É importante que não se confunda os termos *multidisciplinaridade* com *interdisciplinaridade* ou *transdisciplinaridade*. Estes dois últimos remetem a uma concepção mais ampla, complexa e de maior integração do objeto científico em questão, em que a multidisciplinaridade (que tem como sinônimo *polidisciplinaridade*) seria apenas o início

desse processo que não fragmenta as disciplinas científicas – ou campos do saber – visando a dar conta da complexidade da ciência, do cotidiano e da própria humanidade. Os estudiosos que se dedicam à investigação do campo epistemológico reconhecem, “entretanto, que o enfoque multidisciplinar é insuficiente para superar os problemas da fragmentação e da desarticulação dos saberes, assim como dos currículos escolares” (Op. Cit.).

Assim, a partir da multidisciplinaridade, podemos pensar numa possível complementação vinda do campo sociológico aos saberes da EF, procurando ultrapassar fronteiras disciplinares. De acordo com Morin (2002, *apud* Martinazzo; Cherobini, 2005, p. 298), a multidisciplinaridade “constitui uma associação de disciplinas em torno de um projeto ou de um objeto que lhes é comum. As disciplinas são chamadas para colaborar nele, assim como técnicos especialistas são convocados para resolver esse ou aquele problema”.

Para isso, neste ensaio, apresentaremos algumas possibilidades de junção e de tratamento pedagógico para EF e Sociologia, analisando alguns materiais advindos de veículos midiáticos (jornais, revistas e portais de internet – aquilo que hoje chamamos “mídia²”) e que podem ser muito úteis no trabalho dos professores dessas duas áreas do conhecimento.

Antes disso, porém, é necessário que situemos nosso entendimento sobre a própria *Educação Física* e sobre a *Sociologia* como campos do conhecimento que estão presentes no contexto escolar na forma de componentes curriculares.

Aqui, *Educação Física* é entendida como uma área de *intervenção pedagógica* (BRACHT, 1999), que seleciona, organiza e atua/intervém na escola a partir de diversos outros conhecimentos, não sendo, portanto, “uma ciência” com um objeto próprio. O “objeto” da EF seria a *cultura corporal de movimento* (BRACHT, 1999; BETTI, 2003), um entendimento de movimento humano para além dos conhecimentos das ciências físicas e biológicas, ampliando-se para algo em torno da comunicação com o mundo e com os simbolismos, ou seja, a cultura no plano de pressupostos sociofilosóficos da uma educação crítica.

Já a *Sociologia*, de acordo com Martins (1994), à sua maneira – por meio dos seus diversos métodos de investigação científica –, procura compreender e explicar as estruturas da sociedade. Para isso, elabora conceitos e teorias que procuram compreender e explicar, para

² Segundo Betti; Pires (2005, p.282-88), “A palavra mídia origina-se do latim media, plural de medium, que significa meio. Inevitavelmente encontra-se associada à comunicação – a mídia refere-se aos meios de comunicação, no sentido de comunicação humana mediada por algum aparato. [...] A mídia é também uma indústria – a indústria midiática –, aqui entendida como produtora e veiculadora de símbolos e significados socialmente compartilhados na cultura contemporânea, além de ser a principal operadora da Indústria Cultural, conceito cunhado por Adorno e Horkheimer (1985)”.

manter ou alterar, as relações de poder existentes na sociedade. Foi principalmente no século XVIII, período de grandes mudanças com grandes impactos na conjuntura societária da época (nos planos político, econômico e cultural), que se iniciou a Sociologia.

Para a análise dos materiais aqui apresentados, teremos como texto de referência o de Pires (1998), chamado *Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte*, em que o autor, ao analisar o esporte sob o viés sociológico, aponta processos de apropriação do esporte a partir de sua funcionalização, sociabilização, ideologização, mercadorização e espetacularização. Além disso, apesar de aquele texto não se voltar às questões do corpo, da estética e da saúde, tais questões também serão consideradas aqui, na tentativa de diálogo das categorias apontadas por Pires (1998).

Lembremos, pois, que vemos, no caso da EF escolar, o *esporte* se tornar, principalmente a partir dos anos 80/90, o conteúdo principal e hegemônico; no caso da Sociologia, o *esporte* torna-se um importante fenômeno social, apesar de ainda hoje não ser muito destacado no âmbito das investigações e reflexões acadêmicas, que, ao “olhar sociológico”, enfatiza as questões da economia, da política, da religião, da geopolítica, entre outras, deixando o esporte como algo menosprezado no interior acadêmico.

Segundo Wright Mills (1970), que cunhou o termo “Imaginação sociológica”, ou seja, o exercício de se olhar para os fenômenos sociais no interior da sociedade demanda uma ampliação desse olhar, a busca de um entendimento e a perspectiva crítica das questões comuns do cotidiano no sentido de fazer com que os sujeitos tenham consciência das diferenças culturais, que possam ampliar e avaliar os efeitos da política em suas vidas, bem como encaminhar-se ao autoesclarecimento (GIDDENS, 2005).

Na sequência, portanto, apresentamos exemplos extraídos de veículos midiáticos diversos, comentando a respeito e apresentando o olhar sociológico. Muitas vezes, será difícil ao leitor fragmentar “o que é” da EF e “o que é” da Sociologia, mas talvez esteja aí, nessas próprias reflexões e indagações, a importância de ampliarmos nossos olhares e inserirmos o pensamento complexo que trata de adicionar elementos às nossas investigações e inquietações em vez de apenas pensar na lógica que enfatiza o “ou”: ou isto ou aquilo (conforme FISCHER, 2003).

1 POSSIBILIDADES DE TRATAMENTO PEDAGÓGICO DE TEMAS DIVERSOS: A ABORDAGEM MULTIDISCIPLINAR ENTRE EF E SOCIOLOGIA A PARTIR DA MÍDIA-EDUCAÇÃO

Como elemento aglutinador, temos diversos exemplos advindos de material midiático (revistas, jornais, *blogs* e portais de internet) coletado pelo próprio autor e que foram armazenados em formato digital. Tal perspectiva é compartilhada àquilo nomeado como *mídia-educação* (FANTIN, 2006) ou mesmo *educação para as mídias* (BELLONI, 2001).

Mas por que estudar esse materiais midiáticos ou mesmo a própria mídia, pensando nessa abordagem multidisciplinar entre EF e Sociologia? Belloni (2001, p.10) considera que:

[...] a escola deve integrar as tecnologias de informação e comunicação porque elas já estão presentes e influentes em todas as esferas da vida social, cabendo à escola, especialmente a pública, atuar no sentido de compensar as terríveis desigualdades sociais e regionais que o acesso desigual a estas máquinas está gerando.

Além disso, considera que é possível e necessária uma abordagem integradora das TIC's – tecnologias da informação e comunicação (cinema, televisão, rádio, jornal, revistas, *blogs*, internet, computadores etc.) no sentido de serem colocadas como *ferramentas pedagógicas* e como *objetos de estudo*.

No primeiro caso, quando simplesmente fazemos uso delas, como passar um filme, um vídeo ou um documentário articulando com nossos conteúdos escolares; ou mesmo quando levamos uma reportagem de jornal ou de revista para nossos alunos explorarem determinados acontecimentos ou temáticas; ou mesmo quando utilizamos uma sala informatizada para tratar de algo abordado em sala de aula.

No segundo caso, como *objeto de estudo*, é quando as informações veiculadas por essas ferramentas são tratadas no seu sentido compreensivo, reflexivo e crítico, ou seja, o material ali abordado é utilizado como material pedagógico que possibilita articulações diversas no plano discursivo e teórico/conceitual.

Já Fantin (2006), também considerando essas duas dimensões – das TIC's como *ferramentas pedagógicas* e como *objetos de estudo* –, amplia a discussão e acrescenta uma terceira dimensão dessa tentativa de **mídia-educação**, ou seja, traz a perspectiva da *produção midiática* para o campo educacional, que seria, em síntese, lançar-se ao desafio da produção de materiais midiáticos, a qual envolveria a compreensão da mídia como ferramenta

pedagógica e como objeto de estudo, o que tornaria tais agentes desse processo mais “ligados” às práticas cidadãs pelo provável envolvimento e esclarecimento que tal tarefa demandaria. Conforme essa mesma autora,

Estamos sendo educados por imagens e sons e muitos outros meios provindos da cultura de mídias, o que torna os audiovisuais um dos protagonistas dos processos culturais e educativos, e a escola precisa redimensionar tais potencialidades. [...] [as mídias] também participam como elementos importantes da nossa prática sócio-cultural na construção de significados da nossa inteligibilidade do mundo e apesar destas mediações culturais ocorrerem de qualquer maneira, tal fato implica a necessidade de mediações pedagógicas (FANTIN, 2006, p.27).

Voltamos agora nosso olhar à Sociologia. Conforme Pereira (2007), utilizando-se do referencial dos Parâmetros Curriculares Nacionais de Ensino Médio (BRASIL, 1998), cabe à Sociologia abordar dois eixos fundamentais, que são: (1) a relação entre indivíduo e sociedade a partir da influência da ação individual sobre os processos sociais, além do processo inverso; (2) a dinâmica social, processos que envolvem a manutenção da ordem e a mudança social. Ainda conforme Pereira (2007, p.6), isso deve ser orientado a partir de: “1. conceitos, 2. temas e com 3. teorias”, ou mesmo com esses itens articulados.

O “pontapé” para o trato desses conhecimentos, sob o olhar da Sociologia, é o próprio cotidiano, o senso comum, em direção à problematização, ao aprofundamento e à complexificação do pensamento social dos temas cotidianos e reais dos jovens que estão sob a responsabilidade pedagógica dos professores.

Para Pereira (2007, p.8), o professor pode fazer uso do “método-técnica”, ou seja, dos recursos através dos quais os professores se utilizam para ministrar/aplicar suas aulas. E essa mesma autora enfatiza o uso dos meios de comunicação de massa, “os jornais, as revistas, a televisão, a internet, a literatura, vídeos, teatro, saída de campo, fotografia, textos” etc.

Considerando-se que é tarefa da escola mediar criticamente a *cultura das mídias* em seu âmbito, seja pelo fato de essa exercer uma forma de pedagogia cultural, ou ainda, pela simples razão de que a cultura dos meios é a linguagem mais próxima das gerações atuais, essa problemática afeta de modo muito específico as diversas áreas e disciplinas que compõem a estrutura escolar. Sendo assim, é perceptível a incidência da cultura das mídias na totalidade do âmbito escolar, incluindo-se aí a EF e a Sociologia.

Segundo Setton (2010, p.26), a *cultura das mídias* é a denominação ao conjunto de ferramentas, discursos e linguagens que compõem uma determinada matriz cultural, em específico aquela voltada à linguagem midiática – as mídias –, que produzem e veiculam seus bens simbólicos.

Basta um passeio por qualquer escola e rapidamente se verão crianças e jovens utilizando indumentárias típicas de universo esportivo, como, por exemplo, camisetas dos consagrados times de futebol, roupas grandes e largas, características dos *skatistas* ou dos jogadores de basquete de rua, isso sem falar nos tênis com amortecedores exorbitantes, desenvolvidos para superar os mais altos graus de impacto, sofridos especialmente nos campos de batalhas esportivas.

E não são apenas as indumentárias, boa parte das discussões que preocupam os estudantes se refere à busca por um corpo “*sarado*”, às dietas alimentares lançadas pelas revistas (configurando-se a ambiguidade entre saúde e estética!), à nova aventura em meio à natureza anunciada na televisão, ou mesmo às imitações de *hits* e danças que se popularizam propagando uma certa vulgaridade nas crianças e nos jovens, entre outros.

Coloca-se a possibilidade de tratar de fenômenos sociais como homogeneização, mercadorização, espetacularização, dinâmicas culturais, violência/civilização, consumo, sociedade, individualização, questões de gênero, geopolítica dos esportes, economia, meio ambiente e sustentabilidade, saúde, estética, corpo, publicidade, entre tantos outros, dos quais alguns veremos na sequência.

Assim, imersa na cultura das mídias, a população em geral tem constituído seus saberes a respeito dos conhecimentos tanto da Sociologia como da EF, também de forma desorientada e simplificada, a partir de um tipo de conhecimento dispersivo, compartimentado, sem contexto e incoerente.

Tais saberes são levados pelas crianças e pelos jovens para a escola e para as aulas dessas duas áreas do conhecimento – assim como para as demais que compõem os currículos escolares –, exigindo dessas disciplinas uma nova competência, quer seja, de mediar esse processo de construção de conhecimentos acerca dos fenômenos socioculturais em relação às especificidades da “sociedade” (no caso da Sociologia) e da “cultura corporal de movimento/cultura de movimento” (no caso da EF) em diálogo direto com as mídias.

A seguir, apresentaremos alguns materiais coletados pertinentes a essa discussão e faremos a discussão a partir de Pires (1998), “olhando” para tal produção midiática com os “óculos sociológicos”, analisando as reportagens sob o viés sociológico.

Antes, porém, cabem alguns apontamentos sobre o *fenômeno esportivo*, já que é um tema da EF e amplamente da sociedade. Conforme nos diz Pires (1998), o esporte é um fenômeno socialmente determinado, cuja manifestação ocorre no âmbito da sociedade moderna. Assim, secularização, igualdade de oportunidade (meritocracia), especialização de papéis, organização burocrática, quantificação e busca de recordes configuram-se como elementos características do esporte na modernidade (BRACHT, 2005).

Uma interessante e necessária obra para se entender o esporte a partir de uma perspectiva crítica, que toma o esporte a partir do olhar sociológico, é a de Valter Bracht, chamada “*Sociologia crítica do esporte: uma introdução*”. Em síntese, apenas para elucidar a perspectiva presente neste texto, Bracht (2005) apresenta algumas questões como o viés do marxismo ortodoxo (abordando o esporte como reprodutor da força de trabalho); a vertente gramsciana do marxismo (a partir do conceito de “hegemonia”); a vertente frankfurtiana (também chamada *Teoria Crítica*, que vê no esporte um sistema de manipulação, coisificação e fetichização); a fundamentação foucaultiana (em que o esporte é visto como uma instituição que disciplina e controla o corpo) e a partir das ideias de Pierre Bourdieu (o esporte como reprodução cultural, com os conceitos de *campo* e de *habitus*).

Na sequência do texto, abordaremos sobre a *funcionalização*, depois, a *sociabilização*, a *ideologização*, a *mercadorização* e, por último, a *espetacularização*. Em cada tentativa, traremos um exemplo e discutiremos sucintamente sobre a temática encontrada. Lembremos, pois, que aqui se trata de um “exercício”, uma tentativa introdutória para aprofundar tal tarefa e garantir, assim, uma ampliação dessa possibilidade multidisciplinar entre EF e Sociologia a partir da mídia-educação.

1.1 O PROCESSO DE FUNCIONALIZAÇÃO PELO ESPORTE E PELAS PRÁTICAS CORPORAIS

Esse processo se configura na utilização do esporte (poderíamos dizer que das práticas corporais em geral, ou como hegemonicamente, no campo da EF, se trata a “atividade física” – conceito bastante reducionista do que seria o movimento humano consciente e sistematizado a partir das produções histórico-culturais humanas) como estratégia para a busca da eficácia e produtividade no trabalho, conforme Pires (1998).

Geralmente, utiliza-se do esporte e das práticas corporais com a ideia de *técnica*, de *trabalho* e de *lazer* no sentido de gerar *produtividade*, travestida de “integridade física”.

Atualmente, vemos que esse discurso se estende, também, àquele relacionado ao “estilo de vida ativo”, que é um dos elementos que “garantem” uma boa qualidade de vida aos sujeitos (FRAGA, 2006).

Um dos discursos de *funcionalização* em relação às práticas de atividades físicas articula, de maneira ambígua, questões diferentes, ou seja, saúde e estética. Em prol de uma pessoa saudável, veicula-se um discurso da forma física, ou seja, da estética, que associa formas salutareias de vida a um corpo magro e esbelto. Muitas vezes, utiliza-se o próprio discurso da longevidade atrelado a tal discurso, para soar mais “verdadeiro”, mais “científico”.



Figura 01 – Discurso de que atividade física gera saúde.

Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/especial/rs/bem-estar/19,0,3571483,Quer-chegar-aos-100-anos-Pratique-exercicios-fisicos.html>. Acesso em: 23 nov. 2011.

Ainda conforme Pires (1998), poderíamos pensar também na importância dos megaeventos esportivos no cenário internacional, como é o caso do Brasil, sediando, em 2014, a Copa do Mundo de Futebol e, em 2016, na cidade do Rio de Janeiro, os Jogos Olímpicos. Tornam-se relevantes assuntos como esse em função da importância atribuída às questões econômicas no que se referem às construções (infraestrutura: aeroportos, estradas, metrô, estádios, ginásios etc.) e legados (materiais e simbólicos) ao país-sede.

Olhar do ponto de vista sociológico permite-nos desconstruir discursos simplistas que ora se colocam como otimistas, defendendo a realização desses eventos num país como o Brasil (para se tornar um país importante no cenário internacional, com capacidade de grandes

realizações), ora se colocam como pessimistas (em que outras “prioridades” são colocadas de lado, como saúde, educação, segurança).



Figura 02 – Importância do fenômeno esportivo na atualidade.

Fonte: <http://noticias.uol.com.br/bbc/2011/11/11/marca-brasil-sobe-dez-posicoes-em-ranking-de-consultoria.jhtm>. Acesso em: 11 nov. 2011.

Podemos constatar esse discurso de *funcionalização* a partir da Figura 02, extraída de uma notícia em um portal de internet bastante acessado no Brasil, a UOL – Universo OnLine, do Grupo Folha/Abril, em que fica evidente o quanto o esporte se torna, atualmente, um importante fenômeno contemporâneo, a ponto de que seus eventos posicionam determinados países entre aqueles “mais importantes” no cenário internacional.

1.1.2 O processo de *sociabilização* pelo esporte e pelas práticas corporais

O processo de *sociabilização* pelo esporte e pelas práticas corporais apresenta-se, geralmente, a partir da configuração de uma determinada maneira de se viver, de se conviver e de se intervir socialmente. Aparece sob os mais variados discursos, seja de *conservação*, de *estereótipos* e mesmo dos *cartolas*, tudo com vista, em síntese, a um *controle social*.

Para melhor ilustrar tal processo, Pires (1998, p. 28) nos diz que:

O incentivo à ação coletiva, o respeito ao adversário, o jogo limpo (fair-play) foram traços demarcados pelo sistema esportivo inglês e que, em tese, acompanham o esporte até nossos dias. No mundo do esporte, aprende-se que a vitória do outro não deve ser questionada (ela é sempre justa, por princípio); que a fixação rígida de regras é necessária para mediar as relações de disputa, a fim de evitar excessos, mesmo que isso sirva também para garantir privilégios, que a autoridade hierárquica

(juízes, dirigentes, técnicos) deve ser obedecida, ainda que se não se concorde com seus atos. Enfim, estas lições, se bem aprendidas, garantirão um relacionamento harmonioso do cidadão no seu grupo social, conformato diante das injustas diferenças, crente de que o ‘bem sempre vence!’

Aqui, para exemplificar do ponto de vista de como a mídia apresenta para nós, espectadores e consumidores de matérias esportivas, tais questões, trazemos quatro exemplos, nas figuras 03, 04, 05 e 06.

Na Figura 03, vemos uma matéria que aborda um acontecimento recente, aqui no Brasil, na Superliga Masculina de Vôlei. Trata-se do caso homofóbico da torcida de Minas Gerais em relação ao jogador Michael.



Figura 03 – O jogador Michael, à direita, sofreu preconceito em quadra.

Fonte: <http://www1.folha.uol.com.br/esporte/898237-volei-futuro-reclama-de-homofobia-em-minas-cruzeiro-rebate.shtml>. Acesso em: 04 abr. 2011.

Em nota, a equipe da qual o jogador Michael faz parte divulgou que:

‘Tratando-se da torcida do Sada Cruzeiro, esta atuou de maneira feroz e preconceituosa, mostrando ódio, aversão e discriminação a um dos atletas do Vôlei Futuro, deixando claro o manifesto de homofobia dentro do Ginásio. O coro era de forma organizada, crianças, homens e mulheres se juntaram para cometer o tremendo desrespeito e discriminação com o atleta Michael’, diz um trecho da nota do Vôlei Futuro.

E o próprio jogador, segundo a reportagem, considerou que:

‘No jogo em Contagem eram cerca de duas mil pessoas, o ginásio estava super lotado e todos me chamando de ‘bicha’, ‘gay’ e outras ofensas. Me senti ofendido e constrangido pelo ocorrido; não eram só alguns torcedores de torcida de futebol, eram crianças, mulheres, o ginásio inteiro gritando e me ofendendo. O jogo foi transmitido pela TV e não só quem estava no ginásio pode ouvir, mas todos que assistiram ao jogo pela TV no Brasil inteiro, depois da partida as pessoas em Araçatuba e de diversos lugares vieram me perguntar o que tinha acontecido e se mostraram muito solidárias. Eu poderia ter jogado melhor se não tivesse passado por esse constrangimento e me senti julgado pelo lado pessoal e não pelo profissional que sou. Acho que este tipo de acontecimento não deve passar em branco, realmente me fez muito mal, acho que deve ser divulgado e discutido para que isso não ocorra com mais ninguém’, disse o atleta.

Conforme Pires (1998), esse processo de *sociabilização* pelo esporte, nesse caso, é uma forma de considerar que os acontecimentos oriundos a partir de suas práticas são coisas “naturalizadas”, ou que assim devem ser, pela sociedade. Vemos aí uma grande possibilidade, portanto, de a Sociologia, com seu olhar que a tudo “desnaturaliza”, atrelar-se à EF para discutir questões de gênero, de preconceito, de racismo, de estereótipos, de poder, dos valores dominantes da sociedade, entre outros, que precisam ser mais bem analisados.

Ainda a título de exemplificação, trouxemos, nas figuras abaixo, 04, 05 e 06, outros três exemplos de como ocorre esse processo de *sociabilização* pelo esporte. Nesses casos, vemos discursos de uma empresa de segurança, em seu apelo publicitário, fazendo alusão a determinadas práticas discursivas do futebol em relação à dimensão da vida social.



Figura 04 – Anúncio publicitário às vésperas de um clássico do futebol em SC/2011.

Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/sc/>. Acesso em: 01 abr. 2011.



Figura 05 – Anúncio publicitário às vésperas de um clássico do futebol em SC/2011.

Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/sc/>. Acesso em: 01 abr. 2011.



Figura 06 – Anúncio publicitário às vésperas de um clássico do futebol em SC/2011.

Fonte: <http://www.clicrbs.com.br/sc/>. Acesso em: 01 abr. 2011.

Como podemos ver, nas três figuras acima, há uma tentativa de utilização de uma linguagem bastante facilitada, em torno da linguagem futebolística, em prol da defesa do esporte e da própria vida, feita por uma empresa que se autodivulga e que vende como seu produto a “segurança”. Reforça-se, com isso, a ideia bastante propagada de que o esporte é algo que sociabiliza e educa por si só, não necessitando mais argumentos para tal. Talvez os

próprios discursos que sociabilizam pelo esporte, como aqueles que veiculam a inclusão social via esporte ou mesmo aqueles que defendem que o esporte afasta os jovens das drogas (como podemos ver na figura 07 que segue), sejam interessantes meios para se analisar, sob o ponto de vista sociológico, tais relações, complexificando as interpretações/compreensões.



Figura 07 – Até que ponto o esporte realmente afasta do universo das drogas?

Fonte: <http://esporte.uol.com.br/basquete/ultimas-noticias/2011/11/08/idolo-do-basquete-de-porto-rico-e-preso-nos-eua-por-consumir-cocaina.htm>. Acesso em: 09 nov. 2011.

1.1.3 O processo de *ideologização* pelo esporte e pelas práticas corporais

Esse processo se apresenta a partir do potencial político-ideológico do esporte, principalmente, e de modo sutil, mas bastante intenso, nas questões relacionadas à padronização corporal, colocando ambos elementos como veículos de propaganda ideológica. Poderíamos pensar, no caso esportivo, como o *esporte sendo assunto de Estado*. E, para exemplificar, alguns acontecimentos são “clássicos”.

Baseados em Pires (1998), poderíamos dizer que a própria lógica do sistema esportivo se configura como uma grande ideologia, ou seja, o esporte de alto rendimento (esse que comumente vemos e acompanhamos pela televisão, por exemplo) reproduz a lógica da sociedade: treinar, batalhar, vencer – enfocando-se as questões individuais –, já que isso caracteriza, também, a própria lógica capitalista da sociedade.

Pires (1998) apresenta muitos exemplos em relação à *ideologização pelo esporte*: na utilização do esporte como veículo de propaganda ideológica (as Olimpíadas de 1936 forjadas por Hitler para provar ao mundo a supremacia da raça ariana); na década de 50 (com o estabelecimento da Guerra Fria, em que o bloco americano e o bloco soviético disputavam a supremacia mundial via “guerra de nervos” também nos esportes); no esporte olímpico (com os boicotes às Olimpíadas de Moscou, em 1980, pelos norte-americanos e, depois, nas

Olimpíadas de Los Angeles, em 1984, pelos soviéticos); e, no âmbito brasileiro (o desvio das atenções da população em plena ditadura com a Copa de 70 no México; a coincidência de mudanças de planos econômicas em épocas de Copa do Mundo – México/86 e o Plano Cruzado, Itália/90 e o Plano Collor, EUA/94 e o Plano Real).

Nas figuras 08, 09 e 10, abaixo, exemplificamos essa relação ideológica entre esporte e Estado. Vemos no Banco do Brasil, uma autarquia do governo federal, o incentivo ao esporte brasileiro, no caso, as seleções de voleibol (masculina e feminina) e a seleção brasileira de futsal (masculina).



Figura 08 – Cumprimento à seleção feminina de voleibol pelo vice-campeonato no Grand Prix.

Fonte: www.bb.com.br. Acesso em: 29 ago. 2011.

No dia seguinte à derrota da seleção brasileira feminina de vôlei para a seleção norte-americana (por três *sets* a zero) na principal competição anual do vôlei feminino, o Grand Prix de Vôlei, o *site* do Banco do Brasil veicula, na sua página principal, o seguinte texto: Valeu, meninas! Bola pra frente. O Banco do Brasil tem orgulho de estar presente na história do vôlei brasileiro e de ajudar a formar ídolos para inspirar as novas gerações. Banco do Brasil, Um banco diferente que liga tudo isso.

Já no dia 23 de outubro de 2011, no mesmo *site*, há uma informação parabenizando a seleção brasileira masculina de futsal pela conquista do Gran Prix de Futsal, conforme figura 08:



Figura 09 – Cumprimento à seleção de futsal brasileira pela conquista do Gran Prix de Futsal.

Fonte: <http://www.bb.com.br/portalbb/home23,116,116,1,1,1,1.bb#>. Acesso em: 23 abr. 2011.

E, na figura 10, podemos ver o Banco do Brasil parabenizando a dupla brasileira de vôlei de praia masculina, que conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-americanos de Guadalajara/2011, ao mesmo tempo em que já projetou uma possível conquista nos Jogos Olímpicos de Londres/2012:



Figura 10: Cumprimento à dupla brasileira de vôlei de praia pela conquista do ouro no Pan.

Fonte: <http://www.bb.com.br/portalbb/home23,116,116,1,1,1,1.bb#>. Acesso em: 23 out. 2011.

Os exemplos permitem-nos constatar que esporte, Estado e política estão sempre próximos e que não devemos ser ingênuos em pensar o contrário. Não por acaso, a cada despedida de solo brasileiro, os presidentes recebem, numa cerimônia de confraternização, os representantes esportivos nacionais para desejar bons jogos e boa sorte, pedindo para honrar o povo brasileiro, já que estarão lá “nos representando”. O mesmo acontece após os grandes eventos, quando os atletas são novamente recebidos, sempre em tom de descontração. A mídia acaba divulgando os eventos, e a imagem positiva – de vitória dos atletas – confunde-se com a imagem do político que lá está.

Grandes apelos populares são facilmente mobilizados a partir do esporte, quando assim se deseja. Não esqueçamos, inclusive, o ex-presidente Lula da Silva, sempre se vinculando ao time do Corinthians, considerado com a segunda maior torcida do Brasil.

Finalizando tal questão, podemos pensar, a partir do olhar da Sociologia, nesses usos ideológicos, na mobilização da população com tais eventos e na tentativa de vincular a determinadas ‘marcas’, inclusive estatais, figuras de prováveis futuros ídolos esportivos e o que eles representam no imaginário social brasileiro.

1.1.4 O processo de *mercadorização* do esporte e das práticas corporais

O processo de *mercadorização* pelo qual esporte e as demais práticas corporais têm passado nada mais é do que o fato de tudo se transformar em produto, em mercadoria, fenômeno bastante característico de nosso mundo capitalista, produto também da própria

indústria cultural. Há uma relação entre esporte/práticas corporais em mercadorias, estando à disposição para um número cada vez maior de espectadores/consumidores, em relação com a indústria de comunicação de massa e seus fortes apelos/interferências – via informação, publicidade e entretenimento, na tentativa de uma certa homogeneização do consumo.

Pires (1998, p.31) argumenta que:

o ingresso no mercado de grandes conglomerados industriais asiáticos, detentores de uma filosofia agressiva de *marketing*, originou a busca de estratégias mais eficientes de divulgação dos produtos ligados ao esporte espetáculo, resultando na massificação desta manifestação nos meios de comunicação e gerando uma cultura esportiva hegemônica, baseada na sua capacidade de venda: a mercadorização do esporte.

Para exemplificar esse processo de apropriação via *mercadorização*, apresentamos, nas figuras 11, 12, 13 e 14, alguns elementos que nos permitem visualizar tal constatação.



Figura 11 – Revista Carta Capital apresenta reportagem sobre corrupção no futebol (p.80-86).

Fonte: material digitalizado pelo próprio autor.



Figura 12 – Fotografia que demonstra acordo entre dirigentes com empresa midiática.

Fonte: <http://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2011/04/06/globo-tera-poder-para-elaborar-e-mudar-tabela-dos-proximos-brasileiros.jhtm>. Acesso em: 06 abr. 2011.

Na reportagem extraída da fonte acima (foto 12), veicula-se que a Rede Globo passará a ter poder para elaborar e mudar a tabela de jogos dos próximos campeonatos

brasileiros de futebol. Tal constatação, somada à denúncia da Revista Carta Capital da corrupção no universo futebolístico, já vinha sendo considerada por Pires (1998), ao afirmar que:

Além de ampliar o capital aplicado e o volume de consumidores envolvidos, a venda do esporte-mercadoria pelos meios de comunicação de massa termina por despertar a cobiça dos dirigentes das federações esportivas, aliados ao Comitê Olímpico Internacional que, como instituições responsáveis pela organização dos grandes eventos internacionais (Campeonatos Mundiais e Jogos Olímpicos), passam a exigir a sua parcela nos lucros desta nova mercadoria (p.31).

Cada vez mais vemos veículos/empresas midiáticas interferindo no universo esportivo, pelo seu caráter de mercadoria transformado nas últimas décadas. Vejamos a figura 13, extraída de um *blog*.



Figura 13 – Interferência e influência da Rede Globo nas transmissões esportivas.

Fonte: <http://blogdobrunovoloch.blogosfera.uol.com.br/2011/04/13/cbv-e-tv-globo-exigem-final-dia-30-e-volei-futuro-tera-que-jogar-no-maximo-em-6-dias/>. Acesso em: 13 abr. 2011.

Por fim, para finalizarmos a questão da *mercadorização*, apresentamos, talvez, aquela dimensão do discurso midiático-esportivo que cada vez mais vai se apossando e se utilizando do esporte e das práticas corporais, a fim de conseguir valores de troca. Estamos falando da publicidade. Vejamos a figura 14 na sequência.



Figura 14 – A publicidade colocando-se a serviço do esporte.

Fonte: <http://pan.uol.com.br/2011/ultimas-noticias/2011/10/16/vila-paralela-de-brasileiros-tem-tranquilidade-e-falta-de-espirito-pan-americano.htm>. Acesso em: 17 out. 2011.

Assim, vemos a necessidade de uma abordagem multidisciplinar que considere o referencial sociológico à EF, permitindo que se possa explorar todas as questões aqui levantadas, em busca de um tratamento pedagógico que amplie os “olhares” naturalizados em torno do esporte e das práticas corporais em geral e das questões em seu entorno, nesse caso, de sua mercadorização, da influência midiática e dos interesses publicitários nesse campo.

1.1.5 O processo de *espetacularização* do esporte e das práticas corporais

Enfim, chegamos ao último elemento que nos falta discutir. Trata-se do processo de *espetacularização* do esporte e das práticas corporais. Talvez esse seja o elemento mais fácil de se detectar aos olhos do senso comum no cotidiano, tendo em vista que é a maneira como o esporte, principalmente, passa a adotar a linguagem visual da televisão para se consolidar como elemento da cultura contemporânea.

Há de se considerar, nesse processo, as mudanças estruturais pelas quais a sociedade passou e passa, as complementações entre as mídias na elaboração do espetáculo esportivo e a formação das subjetividades em torno da ênfase no entretenimento.

Um autor que nos ajuda a refletir sobre a cultura do espetáculo na atualidade é Douglas Kellner (2006). Para ele, existem:

Muitos níveis e categorias de espetáculos. Os megaespetáculos são definidos quantitativa e qualitativamente, e dominam as manchetes, o jornalismo e a agitação da Internet. São destacados e enquadrados como eventos-chave de uma era [...]. Os megaespetáculos são aqueles fenômenos que dramatizam controvérsias e embates, assim como os modos de resolução de conflitos. Incluem coberturas exageradas de eventos esportivos e políticos e outros acontecimentos. A própria produção de notícias também está sujeita à lógica do espetáculo, em uma época de sensacionalismo, tabloidização, escândalos e contestações políticas (KELLNER, 2006, p.122).

Tal autor descreve que essa nossa sociedade se caracteriza como uma sociedade de mídia e de consumo, organizada em função da produção e do consumo de imagens, mercadorias e eventos culturais.

Ainda para Kellner (2006, p.128),

Os esportes há muito têm sido propícios ao espetáculo, com eventos como as Olimpíadas, World Series, Super Bowl, a Copa do Mundo e os campeonatos de basquete da NBA atraindo audiências maciças e gerando anúncios a preços astronômicos. Esses rituais culturais celebram os valores mais profundos da sociedade (por exemplo, a competição, o sucesso, o dinheiro), e as empresas estão dispostas a investir vultosas verbas para que seus produtos se associem a tais eventos. Realmente, parece que a lógica da mercadoria do espetáculo está tão inexoravelmente entranhada nos esportes profissionais que não podem mais existir sem o acompanhamento das torcidas animadas, mascotes gigantes que brincam com os jogadores e espectadores, sorteios, promoções e competições envolvendo os produtos de diversos patrocinadores.

Para ilustrar, trazemos a figura 15, em que se visualizam grandes nomes do esporte brasileiro num portal de informações e também de correio eletrônico, em época de Jogos Pan-americanos 2011.



Figura 15 – Tiago Pereira, Diego Hipólito e Fernando Meligeni – ídolos brasileiros.

Fonte: <http://fotos.noticias.bol.uol.com.br/pan2011/2011/10/05/herois-brasileiros.htm?abrefoto=4>. Acesso: 13 out. 2011.

Complementando as discussões trazidas até aqui por Kellner (2006), voltamos a apresentar a discussão de Pires (1998, p.32), ao considerar que, dentre tantas características da *espetacularização* que é promovida do esporte, algumas são facilmente detectáveis e de fácil percepção, como:

a) as mudanças de regras nos esportes coletivos, visando a aumentar o dinamismo da disputa, a reduzir o tempo ‘morto’ e o tempo total do jogo, numa adequação ao ‘formato’ do espetáculo televisivo; b) a introdução de paradas estratégicas no decorrer dos tempos de disputa (‘tempo técnico’), a fim de que possam ser veiculadas mensagens comerciais dos patrocinadores; c) o convívio de sistemas esportivos paralelos às federações e às confederações (as Ligas), possibilitando ampliar o número de espetáculos oferecidos e garantir-lhes maior qualidade técnica.

Outra importante questão sobre a *espetacularização* que pode ser tratada no ambiente escolar se refere às questões do cinema. Tal possibilidade pode ser apresentada, na escola e nas aulas de EF e Sociologia, como um elemento que permita ampliar os domínios culturais dos alunos, não só às questões específicas dessas duas áreas do conhecimento, mas numa possibilidade de conhecimento que transcende qualquer tentativa “disciplinar”, pela característica que o cinema – ou a linguagem audiovisual – tem de interação com o público e com a mobilização que um filme pode possibilitar no campo das percepções e sensações.

Há várias produções, ultimamente, produzidas especialmente para o campo escolar, a fim de se utilizar o cinema em sala de aula. Na figura abaixo, 16, vemos um exemplo.



Figura 16: Exemplo de material que aborda cinema e seu uso nas aulas de Sociologia.

Fonte: Revista Sociologia, ano IV, n.35, junho/julho 2011, Caderno de Exercícios 28, p.1-16. Imagem digitalizada pelo autor.

A Revista acima traz uma edição especial, chamada “Caderno de Exercícios – Cinema e Sociedade”, em que se abordam possibilidades cinematográficas como importante material de apoio didático aos professores no trato das mais variadas questões, cujo objetivo é a formação de uma análise crítica. Há reportagem sobre o cinema de animação, inclusive com a proposição de exercícios para serem levados à sala de aula. E, nesse mesmo caderno especial, há uma reportagem sobre a “Sociologia do Cinema”, tratando do tema e trazendo dicas de filmes que podem ser levados às salas de aula e discutidos, nos mais diversos assuntos, com os jovens, desde produção nacional até estrangeira.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste texto, apresentado como um “exercício” que se propôs a uma possível articulação multidisciplinar entre EF e Sociologia, vimos que a tarefa pode sim ser pensada no

cotidiano escolar, fazendo-se uso de materiais midiáticos diversos e que estão em contato direto com os sujeitos que lidam diariamente com a formação humana e mesmo com os próprios alunos, por suas relações com os meios na atualidade, principalmente televisão e internet.

Entretanto, essa simples relação de acesso e contato com os meios demanda cada vez mais um “trato”, pois vemos que a relação simplista com as informações acessadas não ecoa no sentido formativo de maneira ampla ou questionadora, ou mesmo aprofundada. A informação, por si só, como sabemos – e vimos –, não é neutra e tem um caráter ideológico. Talvez esteja aí, novamente na escola, instituição paradoxal por ser cada vez mais desvalorizada, ao menos, do ponto de vista político e de políticas públicas (nem precisamos expor os argumentos, como formação deficitária de professores, má remuneração, falta de estrutura e condições de trabalho adequadas etc.), ao mesmo tempo que pais e sociedade em geral conclamam à escola seu real poder de formação humana ampla e crítica (sempre se diz que é a educação que vai mudar o Brasil, por exemplo!).

Não se advoga nenhuma hierarquização entre os saberes e as práticas da EF e da Sociologia, o que se defende, aqui, é uma aproximação entre tais campos do saber em vista de uma formação que, no caso da EF, considere todo esse contexto sobre corpo, saúde, esporte, estética e suas implicações na formação das subjetividades dos jovens e das crianças e amplie o olhar sobre aquilo que acompanhamos diariamente nas revistas, nos jornais, no rádio, na televisão, na internet, no cinema etc.

A partir das ideias de Betti (2003), podemos pensar que essa “junção” multidisciplinar entre EF e Sociologia, com as mídias, deve ser levada ao campo escolar não como um “modismo” ou como uma forma de simplesmente ser mais atrativo e adequado às linguagens juvenis. O que se espera é que os professores possam fazer uma “mixagem” desses saberes articulados com questões do cotidiano social, que inicialmente são desconexos, confusos, um “mosaico”, no sentido de tornar esses saberes do “tipo estéreo”. Para tal efetivação, Betti (1998) sugere quatro momentos: (1) associar as produções da mídia às aulas (levar programas, imagens, trechos, vídeos, propagandas, ou mesmo jornais e revistas); (2) apreender o esporte telespetáculo em si (interpretar o discurso da televisão em busca de sentidos, bem como do conjunto de práticas corporais e seus usos modernos); (3) dimensão produtiva, ou seja, os próprios alunos aprenderem a produzir imagens e textos; (4) interpretação crítica, que busque um equilíbrio entre o assistir e o praticar/fazer.

No recurso metodológico, produtivo e investigativo proposto pela mídia-educação, vemos a real possibilidade de abordagens multidisciplinares, bastante exemplificada neste

texto, que poderia – não automaticamente, é óbvio! – garantir intervenções pedagógicas mais amplas e contextualizadas que se voltam às intenções educativas, levando a um possível esclarecimento sobre os fatos do mundo e contribuindo, dessa forma, com uma construção de cidadania mais efetiva para nossos jovens escolares.

REFERÊNCIAS

BELLONI, M.L. **O que é mídia-educação**. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

BETTI, M. **A janela de vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas, SP: Papirus, 1998.

BETTI, M. (Org.). **Educação Física e mídia: novos olhares, outras práticas**. São Paulo, SP: Hucitec, 2003.

BETTI, M.; PIRES, G. De L. Mídia. In: GONZÁLES, F.J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí, RS: Unijuí, 2005, p. 88-282.

BRACHT, V. **Sociologia crítica do esporte: uma introdução**. 3ª ed. Ijuí, RS: Unijuí, 2005.

_____. **Educação Física e ciência: cenas de um casamento (in)feliz**. 2. ed. Ijuí, RS: Unijuí, 1999.

BRACHT, V.; GONZÁLEZ, F.J. Educação Física escolar. In: GONZÁLES, F.J.; FENSTERSEIFER, P.E. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí, RS: Unijuí, 2005, p.150-57.

BRASIL. Ministério de Educação e do Desporto. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: Apresentação dos Temas Transversais/Secretaria de Ensino Fundamental**. Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.

FANTIN, M. **Mídia-educação: conceitos, experiências, diálogos Brasil-Itália**. Florianópolis, SC: Cidade Futura, 2006.

FISCHER, R.M.B. **Televisão & Educação: fruir e pensar a tv**. Belo Horizonte, MG: Autêntica, 2003.

FRAGA, A.B. **Exercício da informação: governo dos corpos no mercado da vida ativa**. Campinas, SP: Autores associados, 2006.

GIDDENS, A. **Sociologia**. 4. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2005.

KELLNER, D. Cultura da mídia e triunfo do espetáculo. In: MORAES, D. de (Org.). **Sociedade midiaticizada**. Rio de Janeiro, RJ: Mauad, 2006, p.119-147.

MARTINAZZO, C.J.; CHEROBINI, A.L. Multidisciplinaridade. In: GONZÁLES, F.J.; FENSTERSEIFER, P. E. **Dicionário crítico de Educação Física**. Ijuí, RS: Unijuí, 2005, p. 297-300.

MARTINS, C. B. **O que é sociologia**. 38. ed. São Paulo, SP: Brasiliense, 1994.

PEREIRA, L.H. Qualificando o ensino da sociologia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 13., 2007, Recife, PE. **Anais eletrônicos...** Recife, PE: UFPE, 2007.
Disponível em: <http://www.sbsociologia.com.br/congresso_v02/index.asp?idcongresso=9>.
Acesso em: 10 mai. 2011.

PIRES, G. De L. Breve introdução ao estudo dos processos de apropriação social do fenômeno esporte. **Revista da Educação Física/UEM**, Maringá, PR: 9(1), p.25-34, 1998.

REVISTA SOCIOLOGIA, ano IV, n. 35, Caderno de Exercícios 28, p.1-16, jun./jul. 2011.

SETTON, M. da G. **Mídia e educação**. São Paulo, SP: Contexto, 2010.